



O Ensino de Jornalismo no Piauí e a Prática no Mercado¹

George Santos Lima²

Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí

Resumo

Este trabalho realiza uma análise comparativa entre a formação acadêmica dos jornalistas piauienses e a sua prática no mercado local. É consenso entre os profissionais de todo o Brasil que o ensino superior trouxe ganhos importantes para a atividade jornalística. E também é uma afirmativa de todos que a prática do mercado atualmente está distoante da teoria explicitada nas escolas de ensino superior.

Palavras-Chave: jornalismo; ensino; diploma; mercado.

1. Introdução

Na década de 80, o Piauí apresentava um vasto e complexo Sistema de Comunicação Social, que atingia mais de 60% do território piauiense: 23 estações de rádio AM e 1 FM, localizadas nas principais cidades do Estado; 2 emissoras de TV, 1 localizada em Teresina e outra em Timon, com programação voltada para Teresina; 20 agências privadas de publicidade localizadas em Teresina; 4 jornais diários produzidos em Teresina e distribuídos para as principais cidades do Estado. Além destes veículos, inúmeras revistas e informativos especializados eram produzidos por empresas públicas e privadas, órgãos trabalhistas, associações de bairro e comunitárias.

Diante deste quadro, percebeu-se a necessidade de profissionalização do mercado de comunicação no Estado. Assim, a Universidade Federal do Piauí, juntamente, com outras instituições, montam o projeto de criação do curso de comunicação social. A institucionalização do curso e a chegada dos recém-formados ao mercado transformam o modo de produção de jornalismo no Piauí.

A chegada das novas tecnologias e novos modos de produção como jornalismo on-line mostram a importância que o ensino tem na formação jornalística dos profissionais. A Escola não garante, por si só, um bom desempenho profissional.

¹ Trabalho apresentado em Divisões Temáticas – DT 01 - Jornalismo, evento componente do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Especialista em Tendências e Perspectivas do Jornalismo da Universidade Federal do Piauí – PI. Email: georgejlma@hotmail.com



Também requer do jornalista características básicas e imprescindíveis para garantir o bom cumprimento das suas atividades.

Esta pesquisa analisa o desempenho do ensino na formação dos profissionais e como o mercado absorve as técnicas ensinadas e os questionamentos teóricos praticados.

Para a produção da pesquisa, ocorreu coleta de dados junto aos profissionais do mercado através de entrevistas para saber como os recém-formados se comportam no mercado e que contribuições o ensino superior garante para uma boa prática.

2. Comunicação na Universidade?

2.1. Uma caminhada histórica

Antes mesmo de se pensar na criação oficial dos cursos de jornalismo no Brasil, uma faculdade privada foi pioneira neste sentido. A Faculdade Casper Líbero, em São Paulo, cria o seu curso na década de 40. Mas as faculdades de jornalismo no Brasil só foram instituídas através do parecer Celso Kelly em 1968. Este parecer foi criado pela UNESCO³ para dar uma atenção especial à formação de jornalistas no terceiro mundo, motivado pela Guerra Fria. Meditsch (1999) diz o seguinte: “Com essa preocupação principalmente política, a UNESCO começa a criar centros de formação de professores de jornalismo nas várias regiões do terceiro mundo.” Com o país já industrializado, havia necessidade de se instituir uma formação específica, já que naquela época havia uma deficiência para as pessoas que escreviam para os jornais.

Com o golpe militar de 1964, foi posta em prática uma receita. No caso do Brasil, Celso Kelly foi o responsável pela construção de um currículo mínimo que foi imposto em todas as escolas, e ficou conhecido como “Jornalismo Comparado” e que garantia um ‘status’ digno da mais exata das disciplinas científicas.

Dentro da perspectiva da “necessidade de comunicação de grupos que buscam a integração à sociedade”, os cursos se tornam polivalentes, onde se poderia atuar em todos os meios de comunicação coletiva (rádio, TV, imprensa e cinema) como na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Nesta época, um curso de comunicação causava um receio tanto por parte dos profissionais, que por não terem uma formação acadêmica, sentiam enorme receio de perder o emprego, e por parte dos patrões, que viam uma maneira dos jornalistas obterem aumentos salariais e outras vantagens.

³ Os Estados Unidos mantinham um poder quase absoluto sobre a UNESCO e tentavam diminuir a influência comunista na América Latina.



A própria institucionalização destes cursos, como afirma Meditsh (1999) ocorreu por influência política. Então, criou-se ‘uma alienação da vida acadêmica’ em relação ao mercado profissional que perdura nos países até hoje.

Apesar de o registro profissional ter sido instituído em 1938, através do Ministério do Trabalho, muitos jornalistas só o possuíam porque ainda nesta época a atividade era um complemento daquilo que as pessoas faziam.

Neste momento, há duas ‘categorias’ de jornalistas. Os jornalistas de verdade e os falsos jornalistas. Os que vivem do emprego ou possuíam dois ou mais empregos, Lage (2005):

“(…) e os que desenvolviam seu próprio negócio, associando-se a bandidos ou policiais-bandidos, intermediando o acesso a verbas oficiais, descobrindo segredos das pessoas para chantageá-las. A situação mais triste era a dos jornalistas que, embora competentes, entravam nestas jogadas, por pura insegurança”.

Da figura do jornalista polivalente para a divisão em habilitações com denominação de comunicador social, adota-se uma teoria que além de não atender as exigências das diversas habilitações profissionais, continua à margem da mídia. Meditsh (1999) discorre sobre a teoria no ensino do jornalismo assim:

“De fato, em nossos cursos a teoria sempre foi mais considerada do que a prática, e esta concepção até já faz parte do senso comum. Difícil é explicar, por ela, por esta teoria tão importante tem sido historicamente tão descartável, e sequer se acumula.”

Na década de 80, o Brasil vive o ‘boom’ da redemocratização. O período onde a liberdade de expressão retornava com força total. O Estado do Piauí apresenta um vasto e complexo Sistema de Comunicação Social, que atinge mais de 60% do território piauiense: 23 estações de rádio AM e 1 FM, localizadas nas principais cidades do Estado; 2 emissoras de TV, 1 localizada em Teresina e outra em Timon no Maranhão, com programação voltada para a capital; 20 agências privadas de publicidade localizadas em Teresina e 4 jornais diários produzidos na capital e distribuídos para as principais cidades do Estado⁴. Além destes veículos, inúmeras revistas e informativos especializados são produzidos por empresas públicas e privadas, órgãos trabalhistas, associações de bairro e comunitárias.

⁴ Dados obtidos na Proposta de Reestruturação do Currículo Pleno do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí.



Nesta época, surgiam por todo o país congressos e cursos para se discutir a prática do jornalismo. No Piauí, o ministrante do curso foi o jornalista Nilson Lage, que através do documento “Sugestões para Uma Política de Comunicação no Piauí” vê a importância do Estado possuir um curso de comunicação social. Diante da iniciativa, o Sindicato dos Jornalistas do Piauí encampa a idéia e monta um projeto junto com a universidade. Porém, havia uma peculiaridade da época. O curso não era um jornalismo voltado para o mercado. O que estava se formando era o comunicador educativo popular que iria ‘treinar’ as bases tanto de sindicatos como associações. Na Proposta de Reestruturação do Currículo de 1998, o profissional tinha como objetivo:

“(…) dotar os processos de comunicação de um caráter simultaneamente educativo e vinculá-los às necessidades de desenvolvimento e de valorização do universo político, econômico, cultural e social piauiense e regional; (...) manejaram meios institucionais e alternativos de comunicação e a produzirem materiais educativo-populares”.

No registro, eles eram jornalistas, mas possuíam o perfil diferenciado. Na época, o curso era uma novidade que espantava as próprias pessoas. Segundo depoimento da Profa. Edite Malaquias (2006), que acompanhou toda a implantação do curso universitário e logo depois se integrou à equipe de docentes: “Imagine um estado subdesenvolvido e a criação de um curso de jornalismo, algo que na época era uma coisa nova, bonita, que impressionava”. Para se ter uma idéia da diferença do curso em relação a outros, havia no primeiro currículo, disciplinas como comunicação rural, dinâmica grupal e comunitária, educação popular, sociologia rural, redação de material educativo-popular, dentre outros.

Com as novas diretrizes curriculares e a possibilidade de flexibilização do currículo, em 1998, o curso de comunicação social da UFPI adequa-se às novas práticas realizadas no mercado e se torna um curso semelhante aos demais que se encontram pelo país. Nesta modificação, segundo a Proposta de Reestruturação do Currículo de 1998, o currículo utilizado nesta época apresentava uma defasagem entre as disciplinas humanísticas e específicas de comunicação. Segundo a Resolução do Conselho Federal de Educação 002/84, a estrutura curricular sofre uma considerável mudança, ocorrendo uma distribuição equitativa entre as disciplinas humanísticas denominadas: tronco comum e às específicas das habilitações previstas. Os estudos efetuados para a



realização da equivalência de carga horária entre as disciplinas de tronco comum e de habilitação em jornalismo tiveram como objeto central de questionamento, o perfil do profissional desejado pelo curso. Nesta época, a preocupação não era somente com uma reestruturação curricular, mas também com a redefinição do atual perfil profissional. Atualmente, há uma nova proposta de mudança do currículo que pretende adaptar sua grade curricular a nova Resolução do CFE 492/2001.

Atualmente, o Piauí conta com 4 faculdades de jornalismo, Universidade Federal do Piauí, Universidade Estadual do Piauí (possui um campi na capital e 1 campi no interior com o curso), Centro Educacional Unificado de Teresina (CEUT) e Faculdade Santo Agostinho – FSA. As três últimas possuem currículos com as normas mais atualizadas pelo Ministério da Educação.

2.2. A transformação dos processos jornalísticos e a relação com o ensino

O jornalismo atravessa um tempo de transformações. A primeira grande mudança é a utilização da internet como meio de difusão jornalística. Os meios tradicionais migraram para integração na rede. O jornalismo também encontrou novas fontes de informação, investigação e interatividade dos emissores e receptores.

A internet retirou do jornalismo o monopólio de produtor de notícias. E os blogs fazem dos receptores também emissores em potencial, e se questiona a permanência ou não do diploma, os modos de produção. Com o ‘ciberespaço’, há uma tendência à segmentação de mercado, que já é notado em outros meios e que tem propiciado consumos personalizados e produção da notícia.

Por isto, o ensino de jornalismo segue esta tendência, relacionada principalmente às novas tecnologias de comunicação como novas formas de saber-fazer que vão sendo estruturadas. Isto decorre das fusões entre veículos, o que acarreta a diminuição de empregos e maior especialização dos jornalistas os quais trabalham cada vez mais com os diversos meios de produção e difusão de informações.

Outra transformação está acontecendo na linguagem jornalística. Está ficando cada vez mais tênue o caminho entre o jornalismo e o marketing. A notícia vira mercadoria e está sendo vendida como tal. Um exemplo é a utilização de infográficos e animações.

Dentro deste cenário, o ensino de jornalismo ainda tenta encontrar o seu lugar na universidade. A Universidade ainda não entendeu as suas necessidades específicas, pois um curso de jornalismo não é um curso de letras ou de humanidades, embora exija



eficácia e eficiência lingüísticas, referentes humanísticos e capacidade de ler o mundo; nem é um curso de tecnologia, apesar de requerer competências tecnológicas que transcendem em muito o lápis e papel. Em 1960, Perseu Abramo (1960) já sinaliza para estas questões: “As escolas de jornalismo defrontam-se com um problema que lhes deve ser prioritário e fundamental: constituem elas, escolas de formação cultural superior ou constituem escolas de formação profissional?”

Hoje, há duas grandes concepções do ensino do jornalismo. Uma defende a fusão de todas as áreas e a formação de comunicólogos, que vão permitir ao estudante o conhecimento de diversas áreas para a produção, apuração e difusão de conteúdos em todas as áreas da comunicação como relações públicas, publicidade, radialismo como jornalismo.

A outra concepção diz que se deve ter cursos específicos de jornalismo. É uma concepção mais pragmática, onde o ensino seria direcionado para o jornalismo, com práticas e pesquisas voltadas para o jornalismo, sem as disciplinas se diluírem em caminhos diversos.

A grande preocupação dos cursos superiores é a formação de comunicólogos, e não uma formação específica de jornalismo. Aliás, o ensino de jornalismo segue caminhos diversos, e congrega disciplinas de todas outras áreas como filosofia, ciências humanas e sociais, e outras que possuam uma definição educacional clara destes cursos.

Há dois aspectos que precisam ser destacados: o jornalista precisa de um treinamento típico, ou seja, é o aprendizado de noções básicas, e que são imprescindíveis para a sua prática profissional e o treinamento específico, que é voltado para a prática de atividades específicas. O treinamento típico é o próprio da universidade, ou seja, as noções básicas da atividade jornalística são desempenhadas pela escola. E o treinamento específico? Deve ser da universidade ou do mercado? Hoje o mercado impõe o seu ‘modo de fazer’, enquanto a universidade caminha paralelo a este treinamento. A universidade deve ensinar toda a formação cultural necessária à prática profissional dos jornalistas, como também os processos técnicos e práticos? As empresas deveriam se tornar responsáveis por complementar estas práticas através de estágio? Mas qual a formação cultural que um jornalista deve ter para trabalhar?

O que hoje se faz em alguns países é a delimitação desta ordem prática, ou seja, a primeira concepção. O resultado disto é treinamentos profissionais aliados a escolas de filosofia, ciências ou outras áreas.



As diretrizes curriculares (2001) relativas à área de comunicação social instituídas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) foram elaborados procurando atender a dois objetivos fundamentais:

- a) Flexibilizar a estruturação dos cursos, tanto para atender a variedades de circunstâncias geográficas, político-sociais e acadêmicas, como para ajustar-se ao dinamismo da área, e para viabilizar o surgimento de propostas inovadoras e eficientes;
- b) Estabelecer orientações para obtenção de padrão de qualidade na formação oferecida;⁵

Há uma divisão do currículo em perfil comum e perfil específico por habilitação. No perfil comum, estão os conteúdos básicos que devem estar relacionados com a comunicação social. Por exemplo, uma disciplina como sociologia da comunicação, ou, cultura brasileira. O perfil específico trata dos conteúdos específicos de cada habilitação. No caso de jornalismo, disciplinas como telejornalismo, radiojornalismo, dentre outros. Neste caso, há uma flexibilização, uma abertura maior para se trabalhar as disciplinas como o docente desejar.

As diretrizes anteriores a 2001 provocaram uma quebra entre teoria e prática. A classificação que a diretriz faz para a comunicação tende a este distanciamento. O prof. Eduardo Meditsh, da Universidade Federal de Santa Catarina, caracteriza como sendo importante no jornalismo, a interligação entre teoria e prática, academia e mercado.

Na Universidade Federal de Santa Catarina há uma imensa flexibilização do currículo. Como o jornalismo trabalha em demasia com a atualidade, então, não há como se criar um currículo pronto, que deve ser seguido à risca. No currículo 1996.1 do curso de jornalismo da referida faculdade, há disciplinas optativas como Tópicos Especiais em Jornalismo I-V, que tem como discriminação: estudos do tema de interesse atual em jornalismo; da mesma forma, as disciplinas, Tópicos Especiais em Comunicação I-XIII, Globalização Cultural I, Comunicação Visual, Crítica Cinematográfica, dentre outras.⁶

Sendo de um jeito ou de outro, é inquestionável que o jornalismo necessita ser estudado e ensinado nas escolas. Isto porque entram em questão diversos quesitos que são pertinentes, como a questão do jornalismo ser uma atividade social com finalidade pública, como fala o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

⁵ Retirado das Diretrizes Curriculares do Parecer CNE/CES 492/2001

⁶ Dados obtidos no site da universidade <www.ufsc.br>



SOUSA (2005) afirma o seguinte:

“...a Universidade, se quer ser uma instituição indispensável à sociedade, não pode abdicar de formar jornalistas e de o fazer com qualidade, o que implica educar para um cenário de transformação, mas em que há coisas relativamente perenes, como, no caso do ensino de jornalismo, certos valores, linguagens e técnicas”.

Grande parte dos problemas originados pelas instituições universitárias de jornalismo deve-se principalmente a cursos desatualizados teoricamente e tecnologicamente, já que não seguem as tendências com tanta rapidez como no mercado.

E porque outros países não exigem diploma, formação universitária para o registro profissional de jornalista? Porque eles acharam formas de regulação, e não por desvalorizarem o ensino. Em outros países, as escolas de jornalismo são bem freqüentadas e jornalistas com formação específica gozam da preferência do mercado de trabalho.

A Faculdade de Jornalismo da Columbia University, considerada uma das melhores do mundo, tem um mestrado que é totalmente contrário aos praticados no Brasil. São atividades totalmente práticas.

As atividades são as mesmas que se executam numa redação. O próprio preconceito das empresas contra a reflexão teórica dificulta evolução neste campo. O que seriam das indústrias no mundo se não desenvolvessem programas de melhoria de qualidade contínua? Seria um desastre. E por que o jornalismo não pode ser assim também?

Hoje, dificilmente egressos de outros cursos estariam aptos ao exercício do jornalismo, que não se reduz à publicação de artigos e textos. Coloque-se um profissional liberal para editar e editorar uma publicação do seu próprio meio, ou para fazer reportagem e edição de televisão. O resultado seria publicações graficamente mal-elaboradas e telejornais cheios de “desculpem a nossa falha”.

O fato é que os jornalistas costumam desprezar a teoria. Qualquer teoria. Enquanto isso perdurar, a qualidade do debate sobre a natureza da profissão e as particularidades de seu exercício seguirá o sabor das frases feitas. Pedroso (2005) afirma que as teorias não são tão antigas nas faculdades brasileiras:

“A disciplina de Teoria do Jornalismo é muito recente. Foi instituída nos cursos de jornalismo somente em 1984, pelo Departamento de



Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, seguida pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Já o jornalismo como objeto de estudo acadêmico/científico só começa nos anos 70 no Brasil.”

3. Jornalismo e mercado piauiense

Enquanto as universidades ensinam as teorias e como devem ser aplicadas na vida prática do estudante, seguindo a ética, analisando questões de mercado, e constituindo uma notícia voltada para o bem social, o mercado se restringe a vender a notícia como mercadoria, um produto que o consumidor deve adquirir. E para isto vale qualquer custo.

O Prof. Paulo Fernando (2006), da Universidade Federal do Piauí, analisa um ponto sério no perfil do aluno de comunicação social atualmente. Os alunos nem lêem e nem gostam de ler, não se aprofundam e já querem estar trabalhando. Eles só percebem a importância do ensino universitário quando chegam ao mercado e vêem que determinados assuntos são primordiais naquele momento. E, muitas vezes, eles retornam à universidade e desejam aprender tudo.

“Tem outro ponto que é aquele aluno que entra na sala de aula, você está dizendo ai é uma grande besteira e eu não preciso aprender isto porque eu não vou botar nada mais que isto na prática e pelo o que eu ganho, isto mesmo não vai me servir, ai anos depois, volta e diz, ah, eu quero isto...”

As grandes mudanças estão surgindo com a internet como uma linguagem mais rápida, temporal, sucinta e menor quantidade de erros possíveis são as principais preocupações dos jornalistas na atualidade. E se torna preocupante porque as novas tecnologias mudam numa velocidade espantosa. Como se adaptar a mudanças tão rápidas?

O processo de modificação do currículo do curso de jornalismo da UFPI, que estava em andamento desde 2003⁷, foi implantado em 2007 com várias modificações estruturais, renovando grande parte das disciplinas ofertadas pelo curso. Um exemplo são as disciplinas antropologia e comunicação, psicologia e comunicação, administração de marketing da empresa jornalística e uma maior abertura para disciplinas que possam ser trabalhadas numa troca entre professor e aluno, enfocando temas da atualidade. Isto

⁷ No período da pesquisa o currículo atual ainda não tinha sido implantado. Para se ter idéia, por exemplo, apesar da extinção dos revisores em todos os grandes veículos do país, muitas universidades ainda ensinam a disciplina: Revisão de Originais. A UFPI enquadrava-se neste quesito.



se reflete no ensino e nas atividades que o aluno vai aprender. Outra grande preocupação dos jornalistas é com a formação cultural cada vez menor dos repórteres recém formados.

A deficiência do ensino/prática do jornalismo também tem como ator o aluno, que não busca por si só o que lhe falta na universidade. O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Paulo Cesar Castro (2006), afirma que a consciência da reciclagem de conhecimentos deve ser uma constante e obrigação tanto do aluno quanto do profissional. Junto a isto, vem a interação tanto da universidade quanto dos alunos com o mercado. “Por outro lado, interagir com o mercado (sem se submeter a ele), seja com estágios supervisionados, com eventos que levem profissionais à universidade, pode ser uma atuação complementar em busca desta excelência na formação”.

Samantha Castelo Branco (2006) vê como vital a aproximação entre escola e mercado, já que um não vive sem o outro. Ambos não são antagônicos. “Não haveria escola, se não tivesse mercado.”

A responsabilidade assumida pelas faculdades de jornalismo é imensa já que receber alunos do ensino médio para uma formação exigida pelo mercado, em apenas quatro anos, não é tarefa fácil. E há que se pensar que tipo de formação.

Castro (2006) destaca que a diferença qualitativa para um profissional de jornalismo é a formação humanística. “Não adianta o jornalista ser um excelente operador de aparelhos técnicos ou exímio manipulador de softwares se não tem a capacidade mínima de crítica, avaliação, de criação, de solução de problemas. Se for assim, para que servem as universidades?”. Ele afirma que sendo assim, bastariam os cursos técnicos do Senai ou Fundação Abril.

O desprezo pela prática profissional como objeto de estudo, por parte dos teóricos colocados no topo da hierarquia acadêmica, teve uma série de efeitos negativos e perversos. O primeiro e mais evidente é a violentação das expectativas dos estudantes que ingressam na Universidade em busca da carreira profissional a que se sentem vocacionados.

Nilson Lage (2001) aponta como um dos grandes problemas das universidades brasileiras a dificuldade do estudo objetivo do jornalismo e seu papel nas sociedades contemporâneas. Para ele, um bom curso de jornalismo no país, deve possuir técnicas de redação, interface com tecnologia, ética, crítica da mídia.

A questão do conhecimento, necessidade de se conhecer cada vez mais vem preocupando a maioria dos profissionais no Piauí. Para Zózimo Tavares (2006), o Piauí



tem um celeiro de bons profissionais, mas hoje há necessidade de profissionais que não se encontram no mercado. A universidade está colocando no mercado um profissional que não se adequa às necessidades. E não é conveniente, muitas vezes, por pura acomodação do jornalista. “Ele (o jornalista) não gosta de ler nem escrever, não possui requisitos básicos de um profissional de jornalismo como questionamento ... não tem leitura, uma formação paralela, formação cultural interessante. Além disto, tem que dominar as tecnologias, alguns idiomas. Acho que falta mesmo uma formação geral...”

Filho (2006) afirma que a comunicação vai priorizar cada vez mais o conteúdo direcionado na perspectiva do cidadão. E para que isto aconteça, ele precisa ter uma visão bem estruturada da realidade, uma boa bagagem cultural, características que estão faltando nos repórteres de hoje. Isto leva os jornalistas a produzirem um jornalismo superficial, como se um determinado fato acontecesse e acabasse naquele momento. “Não se questionam os acontecimentos anteriores e os desdobramentos. Então, o repórter acaba por não refletir sobre as tendências e perspectivas do que acontece na política, na cultura e até mesmo no columnismo social”.

Outro aspecto perceptível no mercado é o enxugamento das redações que se equipara à contratação maior de estagiários, por questões econômicas. Há um reflexo no produto final, já que os estagiários não têm ‘a formação universitária’. Muitos discentes contribuem para tal, já que desejam entrar cedo no mercado de trabalho e se tornarem repórteres.

Para Claudia Brandão (2006), o estágio é um passo importante na formação profissional, mas é preciso que estes estágios sejam revistos, porque estes alunos ocupam os lugares de profissionais e por não terem conhecimento profundo dos métodos de construção da notícia, acabam por fazer um produto mal acabado. Ela acrescenta que as escolas estão formando mal os jornalistas. Há uma construção superficial da atualidade e estes profissionais recém-formados se apóiam no real. Brandão pontua assim: “Está havendo uma estagnação ou involução da prática jornalística do Piauí porque não se sabe que qualidade de formação que estes profissionais estão tendo nas universidades”.

Conforme Castro (2006), este problema ocorre pelo processo de glamourização da profissão jornalística superficializar a atividade tão repleta de responsabilidade social, de necessidade de criatividade, de inovação no olhar das pautas, das coberturas. Ele complementa da seguinte maneira:



“A universidade pode formar profissionais para o mercado, mas pode ir além, fomentando a crítica e o debate que norteiem os caminhos e as práticas do mercado. Claro que a universidade também vive seus impasses, seus descaminhos, mas jamais pode ser refém da lógica do capitalismo. Se for assim, quem perderá será a sociedade, a cidadania, a visão plural de mundo. Não é a ‘verdade’ do mercado que deve prevalecer”.

O recente debate na definição das diretrizes curriculares dos cursos de comunicação e a dramatização do fato do jornalismo ter se reunido em separado para tratar das diretrizes específicas reacendeu o debate sobre os dois caminhos possíveis para a expansão da área acadêmica. Os setores mais preocupados com a expansão do poder político como forma de afirmação da área acadêmica assumiram a defesa do crescimento para os lados, revivendo a estratégia do Ciespal. Já os setores que priorizam o aprofundamento do rigor teórico e científico no estudo do objeto – e a conquista da competência tecnológica – como caminhos para esta afirmação, entenderam que a ênfase nas suas especificidades é a mudança de curso necessária para o seu crescimento para cima, livrando-a de algumas gorduras que emperram seus movimentos nesta direção.

Mas trabalhar o jornalismo no âmbito mais humanístico acaba por torná-lo fora da realidade? O jornalismo se faz na prática assim como qualquer profissão. E para desenvolver esta prática, são necessárias bases histórica e teórica. É necessário que haja parâmetros que fundamentem esta prática.

4. Conclusão

É inquestionável a contribuição que o ensino superior de jornalismo trouxe para o mercado piauiense. Antes, da criação do curso, os profissionais aprendiam assistindo outros profissionais produzindo, ou seja, aprendiam praticando. Não existiam parâmetros ou técnicas a serem seguidas. Era apenas o que estes profissionais ‘imaginavam serem certo’.

Hoje o Estado possui quatro instituições de ensino superior com curso de comunicação social com habilitação em jornalismo. Todavia, há uma grande questão atual: a universidade acredita que o recém-formado está apto para o mercado que sente falta de bons profissionais e se conforma com os jornalistas que se formam.

Esta pesquisa se preocupou em tratar de questões desta natureza. Para isso, realizaram entrevistas com atores que participam do mercado piauiense e da academia. Para conhecer como se constitui e se construiu o ensino superior de jornalismo no Piauí,



fez-se um resgate histórico da história e fundação do curso de comunicação social da Universidade Federal do Piauí, promissor nesta área.

A grande maioria dos profissionais entrevistados afirma que a Universidade foi apenas um suporte inicial para a prática profissional. Nenhuma delas, nem públicas nem particulares, dão os subsídios necessários para uma boa formação. E é uma preocupação crescente dos docentes. O aluno de jornalismo não gosta de ler, não quer ler e acha que é um ótimo profissional. Mas, o que fazer para mudar este quadro? E não é tão simples diagnosticar problemas desta natureza, pois, entram outras questões, como o modelo de educação brasileiro. Ele se molda em uma estrutura que se inicia na alfabetização e os próprios alunos insistem em segui-lo na universidade.

Outro ponto é o próprio aluno perceber o grau de suas deficiências. É muito polêmico e controvertido. Grande parte dos profissionais acha suficiente estarem graduados em jornalismo e ponto final. Os conhecimentos se desatualizam, ‘as suas técnicas’ regridem. Então, há uma importância fundamental de atualização constante, já que a relação de tempo é mais volátil hoje em dia. Um conhecimento torna-se defasado num período menor que outrora.

A universidade e o mercado precisam criar mecanismos de trocas constantes. O mercado procurar a universidade e adequar suas necessidades à produção desenvolvida pela escola. E a universidade precisa dar respostas mais rápidas e precisas. Ela deve sair das suas fronteiras e conhecer o mercado, buscar aspectos que precisam ser estudados e melhorados.

Percebe-se que o ensino de jornalismo é imprescindível para se caracterizar e melhorar a própria prática realizada no mercado. Então, as universidades desempenham um papel fundamental na educação profissional dos jornalistas e na formação cidadã.

É certo que a escola não é santo para fazer milagres, e que diploma e formação universitária não garantem ao jornalista bom desempenho profissional. Necessita-se também um esforço contínuo dele para que pratique o jornalismo da melhor forma possível. Isto pode ser feito através de atividades que são fundamentais para ser um bom profissional: ter uma leitura rica e variada, uma visão apurada sobre os acontecimentos atuais e também os acontecimentos históricos, do passado. A participação em cursos técnicos e práticos para dominar as tecnologias vigentes e aguçar particularidades próprias do jornalista como criatividade, observação e curiosidade.



Referências Bibliográficas

ABRAMO, Perseu. **Discurso como paraninfo dos formandos (jornalismo) da Cásper Libero em 1961**. Disponível em www.fpa.org.br. Acessado em 28 de dezembro de 2005.

BRANCO, Samantha Castelo. **Samantha Castelo Branco**: depoimento [abril 2006]. Entrevistador: George Lima. Teresina: UFPI-PI, 2006. 1 cassete sonoro.

BRANDÃO, Claudia. **Claudia Brandão**. Depoimento [abril 2006]. Entrevistador: George Lima. Teresina: UFPI-PI, 2006. 1 cassete sonoro.

CASTRO, Paulo César. **Publicação Eletrônica**. Mensagem recebida por paulocastro@ufrrj.br em 28 de fevereiro de 2008.

FERNANDO, Paulo. **Paulo Fernando**. Depoimento [abril 2006]. Entrevistador: George Lima. Teresina: UFPI-PI, 2006. 1 cassete sonoro.

FILHO, Cantidio. **Cantidio Filho**. Depoimento [abril 2006]. Entrevistador: George Lima. Teresina: UFPI-PI, 2006. 1 cassete sonoro.

MALAGUIAS, Edite. **Edite Malaguias**. Depoimento [abril 2006]. Entrevistador: George Lima. Teresina: UFPI-PI, 2006. 1 cassete sonoro.

MEDITSH, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do Jornalismo**. Disponível em www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/artigos.html. Acessado em 28 de dezembro de 2005.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A questão não é o diploma, mas o ensino**. Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br. Acessado em 07 de novembro de 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível de graduação no início do séc. XXI**. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Acessado em 01 de março de 2005.

LAGE, Nilson. **Academia versus jornalismo na veia**. Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br. Acessado em 05 de novembro de 2005.

TAVARES, Zózimo. **Zózimo Tavares**. Depoimento [abril 2006]. Entrevistador: George Lima. Teresina: UFPI-PI, 2006. 1 cassete sonoro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI. Proposta de reestruturação do currículo pleno do curso de comunicação social da Universidade Federal do Piauí. Teresina, 1988.